



AVENTURA

ALUA ALI TÃO PERTO

Três advogados portugueses chegaram há duas semanas ao cume do monte Chimborazo, no Equador, considerado o ponto da Terra mais perto da Lua. Uma expedição por uma causa solidária. TEXTO DE BERNARDO MENDONÇA





SUBIDA
DA ESQUERDA
PARA A DIREITA,
JOÃO VIEIRA DE
ALMEIDA, UM GUIA DA
EXPEDIÇÃO E MIGUEL
MENDES PEREIRA,
MOMENTOS ANTES
DE CHEGAREM
AO TOPO DE
CHIMBORAZO



56



CONQUISTA

EM CIMA, UMA PAUSA NA SUBIDA. AO LADO, DA ESQUERDA PARA A DIREITA, MIGUEL MENDES PEREIRA, JOAQUIM LAMPREIA E JOÃO VIEIRA DE ALMEIDA EXIBEM UMA FAIXA NO CUME DE CHIMBORAZO. NA FOTO DA DIREITA, MENDES PEREIRA NUM ACAMPAMENTO





O

O sol começa a nascer. Passam 15 minutos das sete da manhã quando alguém rompe o silêncio: "Es la cumbre!" (É o topo!). Não há lugar para festejos antes de tempo. Três advogados portugueses e respetivos guias estão há nove horas e meia a escalar o monte Chimborazo, no Equador. Fizeram-no quase às cegas durante a noite, iluminados apenas pela luz ténue da lâmpada do capacete e seguindo as pisadas de Marcial, o chefe dos guias argentinos, depois de uma primeira tentativa falhada, dois dias antes, de subida a este vulcão extinto.

O grupo quase não troca uma palavra na maior parte do caminho, tal é o cansaço físico e psicológico. Desistir já não é opção. Parar muito menos. Estão em modo de sobrevivência a gerir cada gota de suor e energia para alcançar o objetivo: o cume do Chimborazo, a 6320 metros de altitude. É Um desafio que não é para qualquer um e onde o perigo e a fatalidade são iminentes. Duas horas antes, um dos elementos, o advogado Miguel Mendes Pereira, escorregara na pendente lisa de gelo, caíra uns metros, mas fora agarrado à vida por Marcial, que, de imediato, espetara a picareta no gelo, rodeando-a com duas laçadas de corda. A corda deu um esticão violento e Miguel ficou pendurado. "Como

uma carocha virada do avesso, a espernear. Foi quando me apercebi da verdadeira utilidade da corda e do arnês", recorda.

Pelas 7h30 faltam apenas 20 metros para a meta. Os passos na neve são cada vez mais lentos e custosos. A respiração é feita com dificuldade porque àquela altitude o oxigénio escasseia. São os mais longos 20 metros das suas vidas. Cordas esticadas, grampons das botas espetados no gelo, solta-se um palavrão. Faltam agora dez metros, corda novamente esticada e um som gutural parecido com uma gargalhada, prontamente dissolvida pela visão da profecia: "los penitentes" (espécie de agulhas de gelo e neve que indicam a chegada ao cume). O grupo entra num labirinto de estranhas figuras de gelo, tropeça, trepa degraus de gelo e quando consegue elevar a cabeça acima do branco só vê pontas difusas. Parecem virgens retorcidas e santos estropiados. O sol vai alto, há que trepar. De repente, um abraço. "He he, la cumbre!"

Joaquim Lampreia é o primeiro a alcançar o pico. Esgazeados de cansaço, são puxados um a um para um pináculo de gelo. Chegaram. Finalmente. "Não há força para a alegria, não há alegria para as pernas, não há pernas para o esforço", recordou Miguel Mendes Pereira no blogue desta expedição (no site do Expresso). Distribuem-se abraços desajeitados. Joaquim procura as faixas no fundo da mochila para as fotografias da praxe. Depois, ele, Miguel e João Vieira de Almeida posam (a custo) para o retrato. Joaquim é o único que ainda consegue ensaiar um sorriso (amarelo). Fora ele o elemento motivador do grupo para voltarem a tentar chegar à cabeça do monstro de rocha e gelo após a primeira tentativa, falhada por má escolha de percurso por parte do guia, que os dirigiu para um caminho com paredes de gelo intransponíveis.

Mas à segunda foi de vez. E já

**A RESPIRAÇÃO
É FEITA COM
DIFICULDADE
PORQUE ÀQUELA
ALTITUDE
O OXIGÉNIO
ESCASSEIA. SÃO
OS MAIS LONGOS
20 METROS
DAS SUAS VIDAS**



Os números da expedição

6320

metros é a altitude do Chimborazo, o ponto mais alto da Terra quando medido pela distância do núcleo do planeta em relação ao seu topo (em vez do nível do mar).

9h30

durou a escalada até ao topo do Chimborazo, uma expedição feita durante a noite, altura com menor risco de derrocadas. A descida durou mais 4 horas.

22.500

euros é o valor angariado pela sociedade de advogados VdA, entre empresas e privados, e que será entregue a três instituições de solidariedade social: Ajuda de Berço, Diferenças e Escolinha de Rugby da Galiza.

58

5

é o número de montanhas que o grupo subiu nesta expedição, para fazer a aclimação gradual à falta de oxigénio nas alturas: Monte Paschoa (4200 metros); Guagua Pichincha (4784m); Illiniza Norte (5126 m); Cotopaxi (5897 m) e, por fim, o Chimborazo.

4

profissionais da VdA partiram na expedição ao Equador, mas só três chegaram ao fim. Carolina Guedes Silva teve de desistir a meio da subida ao monte de Cotopaxi devido a uma lesão.



ALBERTO FRIAS

deitados no topo do mundo, a vista afinal não se revelou tão bela como no monte Cotopaxi, onde tinham estado dias antes, mas serviu para descansarem e se aquecerem uns instantes ao sol. Não mais do que 15 minutos, porque Marcial, o guia, estava preocupado com a hipótese de avalanches potenciadas pelos raios solares. "Hay que bajar rápido!" (Temos que descer depressa!) Completamente esgotados, os três tiveram que encontrar novas forças de reserva para fazer o percurso inverso. Foram quatro penosas horas, particularmente para os joelhos, dada a extrema inclinação da descida, e porque por erro do grupo os líquidos tinham acabado cedo demais e alguns elementos sofriam de alguma desidratação. Felizmente tudo acabou bem.

À CONQUISTA DO GIGANTE DO EQUADOR

"Estava predestinado que chegaríamos ao topo. Não encaixava não termos conseguido", explica Joaquim, de 36 anos, visivelmente mais magro após a aventura e com um joelho a acusar o esforço. Nunca tinha experimentado até então uma atividade deste género. Mas fora seduzido pelo desafio lançado por João Vieira de Almeida, líder da firma de advogados Vieira de Almeida & Associados (VdA), que junto com o seu sócio Miguel Mendes Pereira lançara um con-

REGRESSO
O GRUPO NUMA SALA DA FIRMA DE ADVOGADOS VDA, EM LISBOA

curso interno para oferecer esta aventura a dois elementos da empresa. João tentara subir o gigante do Equador no ano passado, com um amigo, mas fora surpreendido por uma enorme tempestade de vento e de neve e teve que desistir aos 5500 metros de altitude. Decidira voltar, mas desta vez numa expedição com um novo formato. João e Miguel estabeleceram que teria de ser uma mulher e um homem a acompanhá-los. Um deles advogado, o outro não. E, em dezembro passado, estavam escolhidos Joaquim e Carolina Guedes Silva, de 22 anos, rececionista da empresa e estudante de Desporto.

A expedição ganhou um nome épico "Juntos, tocamos a Lua" (O Chimborazo é considerado o ponto mais alto em relação ao núcleo da Terra) e, em poucos meses, angariou 22.500 euros a empresas e privados para serem entregues a três instituições de solidariedade: a Ajuda de Berço (associação que acolhe crianças abandonadas ou em situações de risco), a Escolinha de Rugby da Galiza (que promove a prática de rãguebi junto de crianças das famílias desfavorecidas do bairro da Galiza, em Cascais) e a Diferenças (que apoia crianças com trissomia 21 e outras perturbações de desenvolvimento). O compromisso era que o valor fosse entregue se estes aventureiros chegassem ao cume

"O QUE PASSAMOS FOI VIOLENTO, UM ESFORÇO INSANO", DIZ JOÃO VIEIRA DE ALMEIDA



do Chimborazo. Prova superada para os três advogados, mas não para Carolina, obrigada a desistir a meio da expedição, no Monte Cotopaxi, a 5200 metros de altitude. "Tive muitas dores de cabeça, sangrei do nariz, sofri uma luxação no tornozelo, a dado momento entrei em hipotermia. Quando percebi que tinha blocos de gelo no nariz entrei em pânico e desisti", conta, ainda assim orgulhosa por ter subido a várias montanhas com os três colegas.

Isto porque, até chegar ao Chimborazo, os portugueses tiveram que passar por um período de aclimação à altitude, e subir outras quatro montanhas, mais baixas, para se habituarem pouco a pouco à rarefação de oxigénio.

Subiram primeiro o Pasochoa (4200 metros), depois o Guagua Pichincha (4784 metros), o Illiniza Norte (5126 metros) e o Cotopaxi (5897 metros), um dos mais altos vulcões do mundo.

UMA EXPERIÊNCIA ÚNICA

Uma semana depois da façanha, nos escritórios da VdA, enquanto reviam vídeos da viagem, havia entre eles um misto de orgulho, entusiasmo e alguma incredulidade pelo feito alcançado. "O que passámos foi violento. Um esforço insano. Mas a satisfação de sabermos que somos capazes é enorme. Do ponto de vista do conhecimento de quem somos, dos nossos limites, é uma experiência única. O efeito de superação é extraordinário, mais

ainda por ter sido feito com uma causa social", assegura João Vieira de Almeida, com uma figura bem mais jovial do que os seus 52 anos. O líder da VdA não põe de lado a hipótese de tentar conquistar novos cumes e diz ter tirado alguns ensinamentos desta experiência. "Isto tem imensas lições para a gestão, a importância da liderança e para o que é essencial para o funcionamento de um grupo."

Ao seu lado, Miguel Mendes Pereira, de 44 anos, que tal como os restantes se preparou durante meses com corridas e exercícios no ginásio, assume o sentimento comum no grupo: "Isto foi bem mais difícil do que imaginávamos. Mas o que nos fez lá chegar foi um misto de teimosia, perseverança

e uma vontade muito grande de atingir um objetivo que tínhamos definido para nós e com um conjunto de instituições." Com tanto risco e esforço envolvido, valeu a pena? "Sim, indiscutivelmente. Por um lado, porque confrontamo-nos com grandes cenários naturais. Temos a tendência de nos esquecer que somos uns hamsters colocados em caixinhas e que a vida real é isto. E é bom sermos confrontados com as grandes forças da natureza e com os nossos limites." Se no ano passado a VdA ganhou o prémio do "Financial Times" para a firma mais inovadora da Europa no seu sector, arrisca-se a ser considerada este ano uma das mais audazes. ●

bmendonca@expresso.impresa.pt